

# VOGGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE  
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.<sup>a</sup>  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



DORA SOARES, A ILUSTRE VIOLINISTA CUJO ÚLTIMO CONCERTO NO «TIVOLI» CONSTITUIU UM AUTÊNTICO ÊXITO

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid



# VIDA ELEGANTE

## FESTAS DE CARIDADE

Em Braga.

No vasto teatro Circo de Braga, realizou-se uma interessante recita de caridade organizada por uma comissão composta dos srs. Comendador Alberto Augusto Moreira de Matos, dr. António Abrantes de Lemos e Menezes, Barão de São Lazaro, dr. Domingos de Araújo Afonso, Francisco da Costa Soares, José de Castro Ferreira Braga, José Luís Brandão de Carvalho, José Peixoto de Almeida, dr. Manuel Braga da Cruz e Manuel José Ferreira da Silva Araújo, cujo produto se destinava a favor da benemerita instituição de caridade «Crèche de Braga».

Sobre esta elegante recita de caridade rece-



A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Graça Feijó Monteiro Guedes e o sr. Vitoriano António Teixeira, por ocasião do seu casamento, realizado na capela da casa da Boa Vista, em Gondim, na Régua, residência dos pais da noiva, no dia 16 de Fevereiro

bemos de um nosso querido amigo da capital do Minho, as seguintes notas:

«A recita, a que assistimos no Teatro Circo, foi qualquer coisa a marcar nos anais da já encantadora e linda história da mais graciosa e fina «troupe» de amadores scenicos bracarenses. O seu último espectáculo define-lhes, sem favor, o seu «Zenith», muito embora estejamos convencidos que o seu ascensional progresso não parou aqui...

Não cabe nessa ligeira crónica, um relato completo dessa encantadora festa de caridade, cheia de graça e encantamento.

Como quem vê desempoeiradamente por uma janela aberta de par em par, num lindo dia de sol, um largo e policromo horizonte, também nós assim olhamos para a vossa festa — senhoras minhas e meus senhores — para vos apreciar, aqui e além, como quem colhe num vasto roseiral em flôr e adrede aquêlê botão de mais fino porte, muito embora todos igualmente sejam belos e perfumados.

Os dois primeiros quadros: «Figuras de Velasquez» e «Despertar dos Bonecos», em que tomaram parte, respectivamente, no primeiro as sr.<sup>as</sup> D. Cândida de Sousa Moreira, D. Maria Cândida de Sousa Palha, D. Maria Leopoldina Ernesta Costa de Lago Fernandes, D. Maria Noémia Ribeiro da Costa Soares, D. Maria Tereza Viana Palha, D. Maria Virgínia de Carvalho Moreira de Matos, e os srs. Armando José

Viana Dias Pereira, Fernando da Costa Vilaça, José da Fonseca Feio Soares de Azevedo, José Rodrigues Ferreira Amado, Manuel Maria Barbosa de Lima Brandão Pereira e Mario Mata de Macedo, «Figuras de Velasquez», «Os Infantes», sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Araújo Afonso e dr. Domingos de Araújo Afonso; e no segundo, as sr.<sup>as</sup> D. Maria dos Prazeres Gonçalves Cabral, «Pierrette»; D. Maria Adelaide Pinheiro Braga Cardoso, «Marqueza»; D. Maria Judith de Sousa Palha, D. Maria das Neves de Araújo Afonso e a menina Maria de Lourdes de Sousa Palha, «Bonecas de trapos»; D. Maria Elvira Marques de Azevedo e Moura, D. Maria de Lourdes Abranches de Lemos e Menezes Miranda, «Bonecas de cera»; D. Amália Telo Nunes, «Caixa de musica»; D. Maria Judith Pereira de Castro, «Beata de capote e lenço»; e os srs. Barão de São Lazaro, «Pierrette»; Manuel Aires de Abreu, «Marquês»; Manuel José Ferreira da Silva Araújo, «Surpresa»; Armando José Viana Dias Pereira, dr. Domingos de Araújo Afonso, José Rodrigues Ferreira Amado e o menino Luís Afonso Monteiro Barbosa de Araújo, «Bonecos de trapos»; Fernando da Costa Vilaça e José da Fonseca Feio Soares de Azevedo, «Marionettes»; Alberto Jorge de Carvalho Moreira de Matos, Alberto Maria Barreiros da Costa Braga, António José Alves Palha, António Maria de Araújo Venancio, Joaquim de

Magalhães e Vasconcelos Chaves, José Clemente de Vasconcelos Barbosa, Luís Barreiros da Costa rBaga, Manuel Maria Barbosa de Lima Brandão Pereira, Manuel Joaquim Machado Junqueiro, Mario Mata Macedo e Virgílio da Rocha de Faria, «Soldados de chumbo», merecem, sem dúvida, uma menção especial.

Houve concordância na cor, harmonia nas linhas, cadencia e ritmo no compasso, uma luz discreta e linda — no primeiro. Houve mecânica, relojoaria, latão e fôlha pintada num magnífico conjunto de cenário e artistas — no segundo. Sem exagero, ficamos surpresos de tamanho êxito!

Duas comédias, «Flôres que se desfolham», original do brilhante dramaturgo sr. dr. Vasco de Mendonça Alves, assim distribuída: D. Maria Judith Pereira de Castro, «Condessa»; D. Carlota Pais de Sande e Castro de Sequeira, «Tereza»; D. Maria Cândida Peixoto de Araújo, «D. Maria dos Anjos»; dr. António Abranches de Lemos e Menezes, «D. Fernando»; Manuel José Ferreira da Silva Araújo, «Jorge»; e Manuel Aires de Abreu, «Tomaz»; e a «Não tem título», na qual os personagens estavam assim distribuídos: «Barão de...», Barão de S. Lazaro; «Baroneza de...», D. Carlota Pais de Sande e Castro de Sequeira; «Clotilde, sua filha», D. Maria do Carmo de Magalhães Queirós de Azevedo; «Julio de Freitas», dr. António

## CRÓNICA DA SEMANA AS BOAS COISAS DA TERRA

Não, minha querida Inês, minha excelente amiguinha de sempre, não tenhas receio!... O teu confessor, estou certa, se lhe fôres dizer o teu amor pelas boas coisas da terra, olha-te surpreendido e logo exclama:

— Ora essa! Também eu! Isso que tem?

Pois claro que não tem nada!... Eu, a pesar de não haver tomado capêlo e borla na sagrada Teologia, rio-me dos teus escrúpulos e aqui te declaro ser convicta partidária de Brillat-Savarin... E estou em excelente companhia, Inês! Estão comigo milhares e milhares de santas criaturas que, durante séculos, dispenderam a existência a cantar os louvores de Deus e a engulir pitêus excelentes. As vezes, é claro, exce- diam-se e aí é que estava o mal: lembras-te da tremenda, aquela suculenta posta de toucinho com que, no dizer de Garrett, os frades bernardes se regalavam a altas horas da noite?

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora, Esta é a hora tremenda e sagrada: Vinde, vinde fazer penitência, Levantai-vos, que a hora é chegada.

Macerai essa carne rebelde C'o este gordo, tremendo bocado, Sonhos maus, tentações do demónio, Fique tudo em toucinho afogado.

Louvor seja ao glorioso Bernardo, Que tão santo instituto vos deu: Sem «tremenda» quem pode salvar-se? Com «tremenda» ninguém se perden.

Ora, minha excelente amiguinha, se os bons dos frades, após uma ceia formidável, ainda tinham bôjo para, volvidas poucas horas, traçar com os dentes uma gôrda posta de toucinho — horror! —; se as freirinhas do Portugal monástico e setecentista puseram inspirações que não são da terra em pitêus vernáculos e doçarias divinas; se uma das santas do céu é nada menos que uma cosinheira — Santa Zita — a quem os anjos vinham ajudar na sua tarefa, como queres tu, ingênua menina, que seja pecado gostar das coisas que Deus faz brotar deste mundo? Não, minha querida companheira de outros tempos mais felizes — aqueles em que enchíamos o colégio de partidas e surripávamos a geleia à Superiora! — não é pecado gostar de coisas boas... O que é pecado, sim, é comê-las à sobreposse... E talvez seja pecado também o não pôr um bocadinho de arte na sua confecção!... Queres mesmo que te fale com franqueza? Talvez o confessor te censurasse se tu lhe fôsses dizer que preferes a cosinha francesa à formidável, à incomensuravelmente bela cosinha dos nossos avós portugueses!... Mas, se tu lhe dizes que não te sabem nada mal uma veneranda sôpa alentejana, o sarrabulho minhoto, as divinas alheiras de Bragança, as frigidaras de Braga — quasi desaparecidas hoje, meu Deus! — o lisboeta peixe-espada frito com salada, o toucinho do céu, o manjar real, os papos de anjos, e outros poemas sempiternamente admiráveis, o bom do padre sentir-se há aflito, com tanta água que lhe cresce na bôca e, à certa! exclama, engulindo em seco e lambendo os beiços:

— Também eu, também eu gosto, minha irmã!... O que é preciso é comer só o que se tiver na vontade... Mais, não!...

Ora afi está!... E que tu nunca fôste gulona, estás livre de pecado e santificada até, pelo que respecta à Arte!... Olha: há em França um escritor, Maurício Des Ombiaux por nome, que, um dia, levado pelo seu amor à gastronomia — até lhe chamam já o Arcebispo dos Gastrónomos! — e estando em Roma, foi expôr a um grave Monseñor os argumentos pelos quais lhe parecia haver exagero no que respecta à condenação da «gourmandise». O prelado achou esses argumentos de primeira ordem e, a pedido de Maurício Des Ombiaux, submeteu-os à apreciação infalível do Santo Padre Bento XV. Eis a resposta que o Sumo Pontífice enviou:

Primeiro que tudo, devo lembrar-te, meu filho, que Roma, quando se dirige ao mundo cristão, o faz sempre em latim e jámais em francês. Nunca, na Cidade eterna, em redor da Cadeira de S. Pedro, alguém se referiu ao termo francês «gourmandise» (amor pelos bons bocados, Luísa!) mas sim à «Gula», de Salustio e Cícero, e cujo adjectivo «glulosus» tem por sinónimo «vorax», quer dizer: aquele que come com avidês e com excesso. Roma julga as questões que dizem respeito ao dogma, porém, a infalibilidade do Papa não se estende às contro- vérsias da gramática e da linguística. Uma vez que os dicionários, pelos quais se estabelece a jurisprudência da língua francesa, se pronun- ciaram já, é aos bispos da França, da Bélgica e do Canadá que pertence o fazerem desaparecer dos catecismos um erro tão manifesto. Roma condena a gula e não o «gosto pelas coisas boas»!...

Já vês, pois, que não podes estar em melhor companhia! Se pretendes ser fiel seguidora das doutrinas da Igreja, aqui tens o que ela disse e dum modo categorico. E, a ti mesmo, que estás noiva, convém-te às mil maravilhas a opinião do bondoso Pontífice... Quantas e quantas esposas se apoderam definitivamente do coração dos maridos, mercê dos excelentes pitêus que confeccionam para o jantar? Tu nem calculas a influência que a culinária pode ter no amor!... Nem pões na tua ideia, minha Inêsita!... Mas supõe tu agora que, ao teu futuro senhor, lhe apresentas um dia sôpa requentada, arroz com biscoito, ou peixe assado ainda com o sangue a correr da espinha... Há divórcio, pela certa, menina!

Não tenhas receio, pois. Vai à desobriga, fala com tôda a sinceridade ao padre e, passada a Semana Santa, faz com que o teu papá convide o teu Mannel para saborear um jantarinho, elaborado a preceito por ti... Põe nesses manjares tôda a tua inspiração, segue as regras castiças da maravilhosa culinária portuguesa e, após uma boa sôpa alentejana, o Mannel — que já anda pelo beijo por ti! — vai logo falar com teu pai, alucinado, rendido, endoado de amor, e pede-lhe por todos os santos e santas da corte celestial que apresse o vosso casamento!

Abraça-te a tua amiga de sempre

ROSA TIRANA.

Abrantes de Lemos e Menezes; «Manuel, Marquês de Camarates», Manuel José Ferreira de Araújo, e «Mordomos», António Maria de Araújo Venancio, que compuzeram a terceira e quarta parte do programa. Se outro merecimento não tivessem — e a segunda certamente não tem — empolgaram-nos, ao menos, pela sua magistral interpretação. Barão de São Lazaro, como sempre, correctissimo na marcação e dicção dos seus papeis. Carlota de Sande e Castro (os artistas como S. Ex.<sup>a</sup> tratam-se por «tu», exactamente por terem duas excellencias: no fóro privado e público), sublime, dando-nos na primeira peça, uma magnífica prova de Conservatório.

D. Maria do Carmo de Magalhães Queirós de Azevedo, D. Maria Judith Pereira de Castro e D. Maria Cândida Peixoto Vieira de Araújo, concorreram admiravelmente, para o êxito do conjunto, com sua gracilidade e frescura e, até, nas suas pequenas e naturais excitações, não deixaram de ser, verdadeiramente encantadoras.

Fechou o espectáculo pelo encantador quadro medieval «A Princesa Amarelhinha», escrito expressamente para essa festa pelo grande poeta sr. António Correia de Oliveira, no qual tomaram parte as sr.<sup>as</sup> D. Maria Sofia Marques de Azevedo e Moura, «Princesa Amarelhinha»; D. Carlota Pais de Sande e Castro de Sequeira, «Rainha»; D. Alice de Araújo Afonso, «Abadessa Mitrada»; D. Maria Leopoldina Ernesta da Costa de Lago Fernandes, «Cigana»; D. Maria das Neves Araújo Afonso, «Feiticeira»; D. Georgina Peixoto de Almeida e D. Tereza Araújo Afonso «Camareiras»; D. Aldora Lobão de Macedo Chaves Mourão, D. Maria José Fernandes de Lima Brandão, D. Maria Judith Pereira de Castro e D. Maria Lidia Barbosa de Lima Brandão Pereira, «Freiras»; D. Anelma Lobão de Macedo Chaves Mourão, D. Maria Delfina Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso e D. Maria Luiza Fernandes de Almeida Brandão, «Damas da Rainha»; D. Aurora Lobão de Macedo Chaves Mourão, D. Laura Fajardo Losbelle de Fontoura, D. Margarida Cândida Soares Jorge, D. Maria Adelaide Pinheiro Braga Cardoso, D. Maria de Lourdes Abranches de Lemos e Menezes Miranda, D. Maria dos Prazeres Gonçalves Cabral, D. Nadir Alves Dias Pacheco, D. Nidia Alves Dias Pacheco, «Damas da Princesa»; e os srs. Barão de São Lazaro, «Trovador»; José Luís Brandão de Carvalho, «Cavaleiro»; José Maria Peixoto de Almeida, «Rei»; Alfredo Pereira Braga, «Bispo»; Manuel José Ferreira da Silva Araújo, «Astrólogo»; dr. Manuel António Braga da Cruz, «Feiticeiro»; Virgílio da Rocha de Faria, «Bôbo»; Domingos de Sousa Palha, «Escudeiro da Princesa»; Armando José Viana Dias Pereira e dr. Domingos de Araújo Afonso, «Pagens da Princesa»; Alberto Jorge de Carvalho Moreira de Matos e António José Alves Palha, «Pagens da Rainha»; Alberto Maria Barreiros da Costa Braga e Luís Fernando Rodrigues da Costa Braga, «Pagens do Cavaleiro»; Manuel Aires de Abreu, «Porta Estandarte»; Joaquim Elmino Taveira Loza, «Famulo de Sua Grandeza»; António Maria de Araújo Venancio, Fernando da Costa Vilaça, José Clemente de Vasconcelos Barbosa, José da Fonseca Feio Soares de Azevedo, José Rodrigues Ferreira Amado, Manuel Maria Barbosa de Lima Brandão Pereira, Manuel Joaquim Machado Junqueira e Mario Mata de Macedo, «Cavaleiros»; Joaquim de Magalhães e Vasconcelos Chaves e José Alberto Braga da Cruz, «Arautos»; e os meninos Nuno San Romão Brandão Lopes e Luís Afonso Monteiro Barbosa de Araújo, «Candatarios». Musica do Chefe da Banda de Infantaria 8, capitão sr. Guilherme da Piedade.

A «Princesa Amarelhinha» agradou, extasiou — e isto é a nossa opinião pessoal! — pela união medieval que a trespassava, sendo necessário fazer um acto de fé para nos julgarmos retardados para cima de três séculos.

## CASAMENTOS

Ajustou-se oficialmente, na Beira, África Oriental, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Regina de Lacerda Forjaz, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Zulmira de Lacerda Forjaz e do ilustre médico da armada sr. dr. Francisco de Lacerda Forjaz, com o distinto engenheiro químico sr. Ernesto de Freitas Ribeiro, filho da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Alcobia de Freitas Ribeiro e do capitão de mar e guerra sr. José de Freitas Ribeiro, sendo o pedido feito pelo primeiro tenente da armada sr. Raul Nunes Frade.

A cerimónia realizar-se-há por todo o corrente ano.

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>ME</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

## ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES  
OS MAIS RESISTENTES  
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

Toda a boa gente de Portugal conhece e gasta nos — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801





Flores estilizadas

A profusão de tecidos modernos que têm sido criados para as novidades desta primavera, supre bem agradavelmente as outras variantes no caso de, possivelmente, este ano não aparecerem.

A linha direita, as saias curtas, pregueadas ou em «godets», dominam com segurança esperando que a moda deixe passar as estações conservando-se firme e inalterável.

Com os tecidos não sucede assim.

A variedade é infinita e linda.

Na sua composição entram os motivos mais



Corações partidos

extraordinários e curiosos. Há plissados, flores estilizadas ou muito pequeninas, desenhos modernistas, em que o cubismo prevalece, e sugere as mais lindas fantasias. Os bicos também são motivos que entram com frequência na composição dos tão lindos tecidos que tornam maravilhosos os vestidos deixando tanto no costureiro como na cliente, uma visível satisfação.



A vaga

# AS MODAS EM VOGA

OS TECIDOS DE NOVIDADE PARA A PRESENTE PRIMAVERA : : : MAVERA : : :

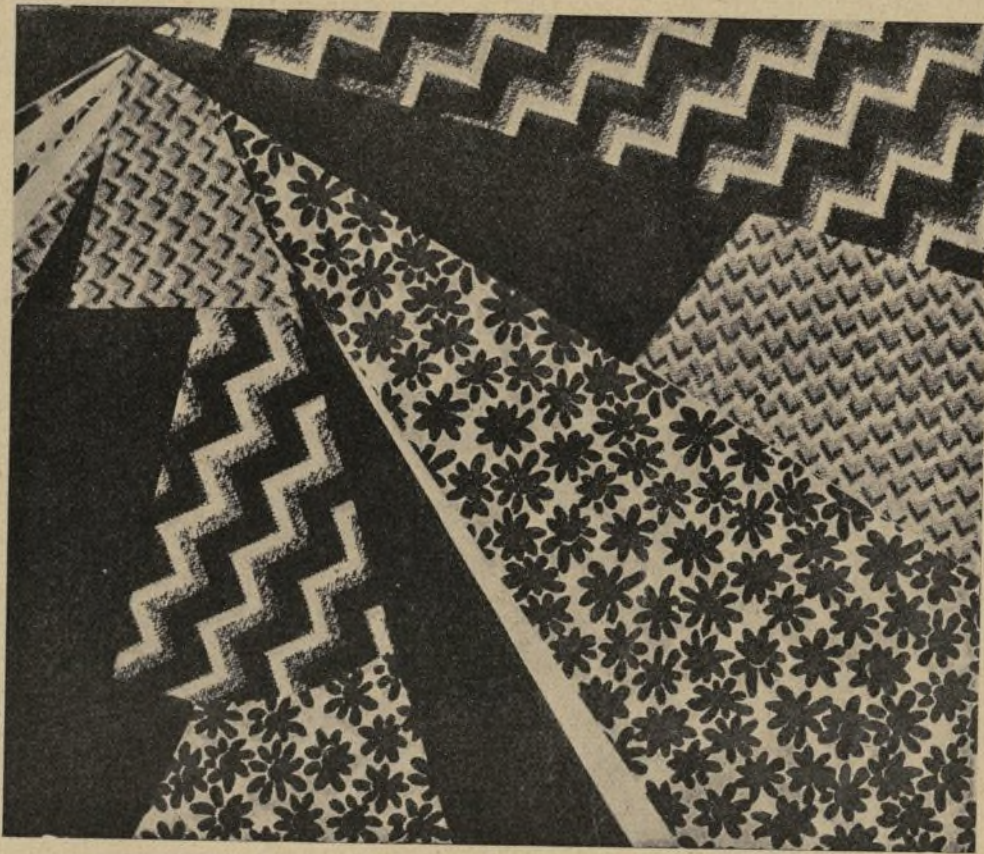
AS LINDAS CREAÇÕES DO PINTOR JAPONÊS : : : FUGITA : : :

Estes tecidos têm, além de desenhos muito originais e modernos, cores muito bem combinadas. A policromia harmoniosa, suave ou violenta em que estes tecidos são estampados, é uma das grandes vantagens para o seu renome e difusão.

O modernismo que, em conjunto todos acham execrável (em pintura principalmente) encontrou nos tecidos o seu campo de insi-

feito quer nos tecidos de Rodier e de Lesur, quer nas sedas de Bianchini.

O grande pintor japonês Fujita tem criado ultimamente os mais originais desenhos com que se têm feito os tecidos parisienses mais em voga e mais procurados. Depois de lindos desenhos próprios para vestidos de crianças, Fujita criou agora desenhos maravilhosos que farão lindas toilettes em que a graça parisiense



Tecidos para vestidos de «sport»

nuação e acção, pois hoje escolhem-se de preferência os tecidos estampados com desenhos modernos, em vez de desenhos antigos com rosinhas e bolas, por exemplo. Os tecidos antigos eram em geral feitos com duas a três cores o máximo. Hoje em alegre matizado os tons misturam-se num conjunto brilhante e fantasista.

Grandes artistas modernos são encarregados de criar modelos.

As cores empregadas nos tecidos estampados são escolhidas com critério para conjuntos harmoniosos, mas empregam-se todas, em tecidos diferentes, como os azuis, vermelhos, amarelos e principalmente «beiges» e cor de castanha, cores que são sempre do mais lindo

cheia de requinte, mais faça brilhar as esbeltas e gentis elegantes.

Entre os variados tecidos que nesta primavera têm aparecido como novidade, há a notar a graça e leveza de alguns que a Voga hoje apresenta às suas leitoras. São de Fujita, o célebre pintor japonês que Paris consagrou, os seguintes tecidos: «Corações partidos», cores vivas sobre um fundo verde claro ou beije, onde os corações são atravessados por setas à moda do século XVIII. Motivo este antigo e romântico mas a que o lápis criador de Fujita deu o aspecto moderno e original. «Flores de neve» é também um lindo tecido em que, a neve, caindo em grossos flocos sobre um fundo claro, é do mais lindo efeito que se possa imaginar. Convém notar que os flocos de neve neste tecido trocaram a sua brancura por cores vivas e lindas...

O tecido «A vaga» é fantasista. É um tema japonês mas ao qual o colorido elegante e discreto dá um aspecto muito suave. As vagas em branco destacam-se com nitidez do fundo azul em vários tons.

Temos ainda, embora estas não tenham autor conhecido, mais três gravuras, representando alguns dos diversos tecidos em voga sendo qualquer deles de uma graciosidade sedutora.

No tecido, «As flores» estas estilizadas e largas, formam um lindo conjunto nas suas cores preto e cinzento-prateado, sobre fundo branco.

No outro tecido «Motivos decorativos cubistas» também se encontra muita beleza e originalidade e uma harmonia onde o fundo creme com os desenhos a vermelho e bordados em seda branca, se reúnem num conjunto alegre e agradável, numa eurtímia sensacional.

Por último temos amostras várias de tecidos criados para vestidos de «sport». Desenhos miúdos em cores lindas enxameiam os tecidos onde o fundo claro mais faz sobressair as tonalidades doces ou vivas de cada desenho.



Motivos cubistas

## SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS

Que todo o comércio de Lisboa requesite um STAND para este inédito e notável SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS promovido e organizado pela

## VOGA

INAUGURAÇÃO

EM 15 DE MAIO

Nos nossos escritórios, RUA ANCHIETA, N.º 25, encontra-se desde já aberta a inscrição para este grandioso certame e prestam-se todos os esclarecimentos necessários



Flocos de neve

MADemoiselle X.



## O PREÇO DA SENSIBILIDADE

**D**IZIA-ME há dois dias um escritor elegante e moderno com quem me apraz, uma vez por outra, fazer um pouco de *flirt*, que a minha sensibilidade (psicologia como dizem os literatos sizados) era como certos objectos de luxo: cara mas sem grande valor real.

Não gostei muito — confesso-te — daquela amabilidade. Mas como a crítica severa é mais salutar do que o elogio fácil, que nos ilude e corrompe, eu comecei, sem nunca ter aspirado a ser uma filósofa, a pensar um pouquinho na Vida.

Aquella definição da minha sensibilidade era bastante original, não é verdade, boa Eugénia? Possuir uma sensibilidade cara não deve ser para uma rapariga como eu, como tantas outras, que adoram o luxo e a futilidade, uma ofensa, nem um desaire. Mas existindo, como o afirmou o aludido escritor, sensibilidades caras, é porque existem igualmente sensibilidades baratas. A lógica deste acerto é inflexível.

Puz-me então a pensar, minha querida, no que seria uma sensibilidade barata. Pensar é um trabalho fatigante, mais fatigante do que pensar ou não pensar em coisa alguma. E eu ter-me-ia furtado a esse labôr se o amavel literato em questão me tivesse aparecido, porque então ter-lhe-ia perguntado o que era uma sensibilidade barata — e tudo ficaria resolvido. Ele não apareceu e eu não tive mais remédio senão resolver por mim o difícil problema.

Ora, perto de minha casa, habita um casal cuja vida conheço melhor do que os meus próprios dedos. Ela, a esposa, é uma rapariga nova, muito modesta sem ambições, que trabalha de costura para ajudar o marido, rapaz novo, cuja única fortuna é o seu trabalho ignorado num qualquer escritório comercial, onde alinha números sobre números nos livros de escrituração.

Vivem numa mansarda, onde a carência de um mobiliário de luxo é, até certo ponto, compensada pela alegria do sol que os visita logo de manhã, mal as aves começam a chilrear nas ramagens das árvores que tanto ensombram o meu primeiro andar. Creio que nem uma cama têm para dormir.

Ela, a Clotilde, visita-me, às vezes, quando vem entregar-me alguma encomenda de roupas brancas em que trabalha. Confrange-me a sua presença e, ao observar o seu sorriso alegre na face simples, a sua atitude desprendida perante as boas coisas da vida que ela nunca chegará talvez a gozar, pergunto a mim própria se na sua alma não se ocultará alguma grande ambição, um desejo imenso de ser rica como certas raparigas novas, muito mais feias do que ela, para as quais a Vida abriu de par em par os seus pórticos de ouro. E penso em mim, querida Eugénia, medito na negra amplidão do meu sofrer se um dia me encontrasse na situação daquela desgraçada!

Pois se eu, rodeada de todos os confortos, animada por uns pais que me permitem todos os caprichos, mesmo os mais extravagantes e caros, ainda me surpreendo a sonhar que hei de casar com príncipes de lenda, possuidores de castelos encantados, quão infeliz não me consideraria se não pudesse frequentar bailes e reuniões elegantes, viajar no estrangeiro e gosar a tépida delícia das nossas praias, pelo verão?!

Mentalmente, sinto-me transportada àquela mundo de miséria que deve ser a mansarda da pobre Clotilde; vejo-me friorenta, mal agasalhada por um chalito de lã, a pedalar a uma máquina de costura, durante as intermináveis noites de inverno, em que o vento sopra e ruge as mais alucinantes tragédias!

A mediocridade da vida, não, boa Eugénia, nunca a poderia suportar! Penso mais naquela desventurada costureira do que ela em mim, ou em si própria. E penso sempre com horror.

Há dias, quando ela veio a minha casa, chamei-a carinhosamente de parte e, com perguntas hábeis, quize espreitar para dentro da sua alma, adivinhar a sua sensibilidade. Mas as suas respostas foram muito simples e ingénuas. Os grandes colares de perolas, os bons anéis de brilhantes, as lindas jóias de preço não chamavam a sua atenção. Às vezes, até se esquecia de parar junto das montas dos joalheiros a atordoar-se com o brilho das pedrarias... E os grandes palácios de estilo, mobiliados a capricho, com lacaios atrás dos reposteiros, fofos tapetes para suavizar a marcha?

Não, também não a entusiasmavam. Recearia perder-se atrapalhar-se em casas tão grandes. Depois... muitos criados só serviriam para espionar todos os seus passos e ela teria — vergonha...

E possuir um bom automovel de luxo, *Rolls-Royce*, no qual subiria o Criado, apeando-se à porta das lojas mais *chics* onde faria as suas encomendas para se entreter? Não, não. Também não lhe agradava o automovel, em que andara uma vez, sentindo-se muito agoniada... Queres crêr, Eugénia, que me irritou tanta modestia?

Que ambicionaria aquela rapariga, tão bonita, na flor da mocidade e da beleza? Que espécie de sensibilidade seria a sua?

Meditei alguns dias no caso, como te disse. E depois de muito raciocinar, concluí: a pobre Clotilde da mansarda não passava de uma sensibilidade barata...

Perdoa o tempo que te furtou a tua amiga

JOSEFINA.



## SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

Uma das conferencias a realizar neste importante certame será feita pelo grande artista o ilustre arquiteto : : : : RAUL LINO : : : :

O *Salão da Elegância Feminina & Artes Decorativas* vai ser, sem dúvida, o mais notável acontecimento artístico e comercial do ano corrente.

O programa do nosso certame, despertou no comércio e na sociedade elegante de Lisboa um vivo e justificado interesse. É, pois, grande a expectativa por todos manifestada e a crescente simpatia que todas as senhoras votam à nossa obra e ao nosso magazine.

A título de aperitivo, para mais aguçar o paladar do público de Lisboa, sem contudo desvendar, por inteiro, o segredo com que estamos preparando o *Salão da Elegância Feminina*, dizemos desde já que uma das conferencias realizadas nas tardes elegantes do maravilhoso certame será feita pelo grande artista e ilustre architecto Raul Lino e, ainda, que um dos concertos a realizar será o da ilustre pianista Eleonora Amsel.

A elegância das decorações que estamos preparando, inéditas, modernas e altamente decorativas — é também um dos aspectos mais intressantes do *Salão da Elegância Feminina & Artes Decorativas*.

São fundadas as esperanças que temos no brilhantismo das representações estrangeiras. E constantemente iremos diligenciando novos e sempre belos atractivos.

É que a *Voga* pretende que o *Salão de Maio* seja um grande, um retumbante acontecimento mundano, artístico e comercial.

O espectáculo de conjunto do *Salão*, vai ser surpreendente. E todo o palácio, decorado a primor, constituirá uma visão feérica e deliciosa.

Uma importantíssima casa de tapetes decorará alguns muros do palácio com os exemplares mais belos que até hoje tem fabricado; uma conhecida casa de papeis pintados decora a sala do primeiro andar, onde se realizam os chás, os concertos, as conferencias e o desfile dos manequins.

Mas um dos mais curiosos e modernos aspectos do nosso certame vai ser o *stand* onde uma importante casa de mobiliário, papeis e decorações fará uma apresentação verdadeiramente notável dos seus artigos.

Muitos desses segredos serão desvendados no nosso próximo número e outros reservados para os números seguintes, todos eles interessantes e todos eles do maior successo.

Uma importante casa de meias e novidades figurará no nosso *Salão* com uma preciosa vitrine.

Brevemente também diremos ao público qual é a senhora da alta sociedade, belo espírito das letras, princesa do bom gosto e da elegância, que se digna honrar o *Salão da Elegância Feminina & Artes Decorativas*, com uma encantadora conferencia que ficará memorável nos anais das letras e da vida *smart* de Portugal...

E para que, em tudo, o *Salão da Elegância Feminina & Artes Decorativas* seja a fantástica visão de que falámos, um dos números de uma das tardes elegantes, será um espectáculo sem par de danças rítmicas.

Luís Turcifal apresentará ao público as suas discípulas, num programa de maravilhosos bailados.

## A PROPOSITO DE LIVROS

O DESPERTAR DE ROSA MARIA, ROMANCE POR D. HELENA BIANCHINI — O BÉBÉ, PELA IRMÃ ANTÓNIA ZERWER, TRADUÇÃO DA DR.<sup>a</sup> D. SARA BENOLIEL E DO DR. EDMUNDO ADLER

**C**OISAS desta vida!... Este delicioso romance de amor, tão simples, tão cheio de ingénua verdade, passou, a bem dizer, quasi despercebido!... Pois é pena porque a sua leitura é daquelas que nos reconciliam com a vida!... *O despertar de Rosa Maria*, romance duma rapariga voluntariosa, estouvada, senhora da sua vontade e, lá no íntimo, coração delicadíssimo e cheio de ingénua bondade, é uma das melhores e mais deliciosas produções literárias dos últimos tempos. Até mesmo aqueles cujo temperamento esteja queimado pela moderna literatura, pelas retorcidas psicologias, pelas anomalias de uso e costume em romances de hoje, até esses mesmo, asseveramo-lo, encontrarão encanto na leitura do romance escrito pela sr.<sup>a</sup> D. Helena Bianchini. *O despertar de Rosa Maria* é um romance para almas simples e ingénuas, mas a sua leitura será portadora dum suavíssimo repouso de espírito para as almas enfebreçadas e sequiosas de pseudo-requintes, de estesias e malabarismos literários. Ninguém espere ir encontrar nele sensações voluptuosas, psicologias complicadas ou descrições exgotantes e inéditas... Nada disso.

O livro da sr.<sup>a</sup> D. Helena Bianchini é, através das suas quasi trezentas páginas, quasi que apenas um diálogo... Mas vivo, mas humano, mas delicadíssimo e puro; é uma lindíssima agua rela onde os céus não tem poentes rubros, e cujas personagens não possuem almas acarvoadas e sinistras. Sem maldade, sem torpezas, o conflito que nele se desenrola é simples e cheio de humanidade. A sr.<sup>a</sup> D. Helena Bianchini pertence ao número daquelas almas cuja bondade repele os pessimismos e se compraz na análise e apresentação de corações sem maldade. Faz bem. A vida, se não é apenas a perfumada maré de rosas que a gente supõe aos dezoito anos, também não é de modo nenhum aquele pandemónio de lutas e misérias que certos psicólogos de cutilique se comprazem em apresentar no intuito de abrir carreira. E, assim, *Rosa Maria* está a dentro da vida: é um coraçãozinho de desassete anos cheio de graça e estouvamento que, um dia, singelamente, adoravelmente se submete e se põe a amar. Faz bem a leitura deste romance, despretenciosamente bem escrito. Está nisso o seu maior elogio!

A leitora, se não tem bebés, naturalmente ainda os há de vir a ter, porque não está cá neste mundo para outra coisa... Segundo os Padres da Igreja, a mulher só tem dois caminhos: casar ou meter-se a freira... Ora o mais provável é que a nossa querida leitora não se sinta com vocação para a vida monástica. E nesse caso, se ainda está solteira, um dia chegará em que apaieça o engenheiro, o médico, o advogado, o escritor ou lá o que é que, surrately e irresistível, começará jogando às escondidas com o seu coraçãozinho de mulher... Os resultados dessa jogatina pagam-se, em geral, na igreja mais próxima, ouvindo o *conjugio-vobis* de rigor... Mais tarde, obra aí de nove meses depois de se pagar as despesas do tal jogo das escondidas, voltam essas mesmas despesas a ser pagas em baptizados, havendo mesmo jogador e jogadora que só muito, muito tarde, é que deixam de arcar com tais e tão amoráveis gastos extraordinários...

Pois bem: a leitora precisa de ir deitando contas à vida e de ir aprendendo, enquanto é tempo, como é que há de tratar os seus bebés quando um dia os tiver. E, para isso, aqui lhe apresentamos o livrinho que a Irmã Antónia Zerwer, superiora da *Fundação Imperatriz Augusta Vitória*, de Berlim, escreveu com o título de *Säuglingspflegefibel* e que a Dr.<sup>a</sup> D. Sara Benoliel e o Dr. Edmundo Adler traduziram com o título de *O bebé — Arte de cuidar do lactante*. É o que se chama uma obra modelar e deliciosa, a dentro da sua concisão e das suas resumidas páginas. Palavra, leitora, que até dá vontade de ter filhos!... Não que a boa religiosa alemã e os seus pacientes e dedicados tradutores nos apresentem um livro de empolada prosa a celebrar as delícias da maternidade e os encantos dum lar aonde vários traquinas gritam e choram, tiram o miolo às bonecas e partem tudo quanto apanham à mão... Isso ficará para aqueles que fazem do lar uma visão romântica que a realidade bem depressa desvanecerá... *O bebé* é uma obra prática e utilíssima, sob todos os pontos de vista e assim é que está certo.

Tudo quanto é necessário saber a respeito da maneira como se deve tratar uma criança de peito, os cuidados e preceitos que é preciso atender, tudo ali vem singela e despretenciosamente exposto, em setenta páginas que se leem com agrado e com todo o proveito. O livrinho é tão bom que até nele veem expostas em verso — cuidadas e singelamente traduzidas pelo Dr. Heitor da Fonseca — as regras de higiene que toda a gente deve observar para com os miudos. E se isto de cuidar de crianças demandar geito, paciência e carinho, não acha a leitora que a coisa mais facilmente se aprenderá com duas cantigas, muito mais úteis e beneméritas do que as feitas pela cabeluda legião dos poetas modernos?

O delicioso livrinho!

F. M.





## BORDADOS E RENDAS

### BAINHAS ABERTAS—BORDADOS A CORES

A moda de se empregar desenhos bordados a cores, chegou... e venceu. Desde as pequeninas toalhas de chá até aos «napperons» do quarto de «toilette», tudo é policromo e garrido, cheio de beleza e alegria.

Nos nossos modelos temos nós dois lindos motivos, bordados com um ponto simples, quer seja «ponto cheio» ou ponto «pé de flor», que contornará o desenho e o completará.

As toalhas de chá e mesmo de jantar, prestam-se para lindas fantasias, pois devem ser

lhos de pequenas dimensões) pode ser empregado.

Este, deve ter na sua confecção duas cores que são distribuídas em dois tons cada.

Para as flores grandes emprega-se o vermelho escuro; para as mais pequenas vermelho vivo. Para as folhas pequeninas o verde seco e verde, ainda mais escuro nas folhas grandes e nas hastes.

Este bordado fica muito agradável depois de executado. O ponto pode ser qualquer que as leitoras queiram empregar, contanto que as folhas e flores fiquem completamente cheias.

Qualquer dos nossos modelos é de uma rápida realização e de um tão lindo efeito que,

ninos «picots», que lhes dão muita graça, começam-se as «barrettes» caseadas que formam uma espécie de grinalda que enfeita os quadros. Forma-se assim um lindo motivo que dá a esta bainha um ineditismo e elegância de um requinte que nos prende a atenção e... as mãos, para a confeccionar.

O modelo n.º 3 é mais complicado mas tão agradável e lindo que, certamente, muitas das nossas leitoras o executarão, desculpando o trabalho que dá em vista do magnífico efeito que se obtém.

Tiram-se os fios suficientes para se fazer uma bainha larga. Depois dividem-se em quadros — a que se cortam os fios — e rectângulos que ficam com eles. Depois de dividir os fios dos rectângulos em grupos, começam-se a tecer conforme a gravura mostra.

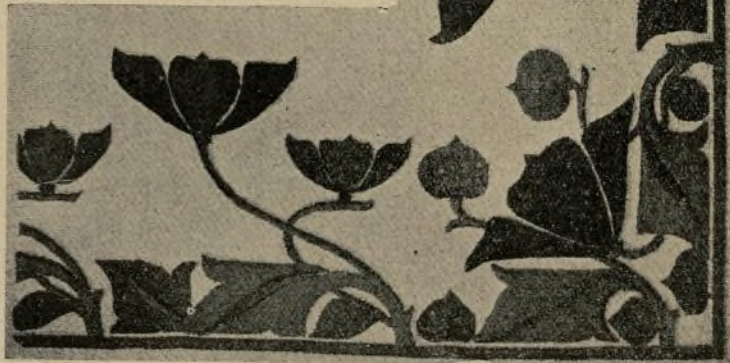
Juntam-se os grupos a três, a dois e sómente um, alternando-os de maneira a formarem o motivo tão gracioso e original que enfeita esta linda bainha.

Depois de se terminar esta parte faz-se passar no centro dos quadrados linhas perpendiculares, horizontais e oblíquas, que depois são convenientemente tecidas. A cada canto dos quadrados passam-se umas pequeninas «barrettes» caseadas e semi-circulares. As estrêlas que ornamentam principalmente estes quadrados são feitas à parte e em «crochet» devendo empregar-se linha muito fina para a estrêla não ficar demasiado grossa.

Para a roseta ou estrêla faz-se primeiramente a parte central que se executa sempre em volta e, quando se começa a fazer as pontas da estrêla, faz-se cada uma por si.

Quando se fizer a estrêla, repare-se que as pontas têm que se ligar às extremidades do quadrado e que deve ficar cada ponta entre duas das linhas traçadas dentro do quadrado.

Para mais facilidade na confecção das rosetas, convém fazer notar às nossas leitoras



## CULINARIA

### ALMOÇO

Ovos com salsa picada  
Costeletas de vitela com alcaparras,  
à francesa  
Fígado de vitela à italiana

### OVOS COM SALSA PISADA

Numa caçarola põem-se 100 gramas de manteiga, seis ovos, meio decilitro de leite e um pouco de sal e pimenta. Leva-se ao lume, bate-se vivamente tudo, e quando os ovos começam a coaltar, tiram-se do lume e espera-se dois minutos: deita-se-lhes então meia colher de salsa bem pisada e passa-se tudo para uma travessa cujo fundo está coberto de pequenas fatias delgadas e triangulares de pão frito em manteiga. Chama-se isto servir em «canapé».

### COSTELETAS DE VITELA COM ALCAPARRAS À FRANCESA

Córam-se em manteiga as costeletas previamente batidas, tiram-se da manteiga, e deita-se nesta uma chalotinha em rodas e um pouco de farinha de trigo.

Quando a farinha está loira, deita-se-lhe uma colher grande de água e outra de vinagre branco e deixa-se ferver em lume brando.

Servem-se com alcaparras e o molho já descrito.

### FÍGADO DE VITELA À ITALIANA

Tomam-se 250 gramas de fígado de vaca, cortam-se em iscas ou fatias delgadas metade delas, fregem-se em manteiga; depois de bem fritas pisam-se num almofariz, juntamente com duas amêndoas, duas nozes, quatro pinhões, oito alcaparras, um pouco de canela, pimenta, cravinho, noz moscada e açúcar; bem pisado tudo isto, passa-se-lhe depois o sumo de um limão e uma colherinha de bom vinagre; e conserva-se este molho ao pé do lume ou, melhor, em banho-maria.

A outra metade das fatias de fígado põe-se na frigideira e frega-se convenientemente em manteiga, até que as fatias fiquem enxutas; dispõem-se em seguida numa travessa, sobre a qual se deita por último o molho preparado como acima se disse.



VOGA,  
SEMANARIO ILUSTRADO DA  
MULHER é a melhor e mais barata  
das publicações do género em lin-  
gua portuguesa.

muito alegres, multicores e alácres, o que disporá muito bem os nossos olhos.

As flores em forma de leque que nesta página damos, farão uma linda barra para toalha.

Pode fazer-se larga ou estreita empregando na barra uma só fila de flores, ou empregando três dispostas da maneira como a gravura indica.

Estas flores onde a moderna fantasia lançou uma harmonia e graciosidade que nos atrai, devem ser feitas em três tons da mesma cor. Podem ser bordadas em «vieux-rose» e vermelho. «Vieux-rose» a flor; a parte central e o contorno em vermelho escuro. As folhas podem ser bordadas igualmente a vermelho, mas este ainda mais escuro.

Quer estas flores sejam bordadas a «vieux-rose», azul ou amarelo, devem ser sempre feitas com três tons da mesma cor ficando assim o bordado mais elegante e harmonioso.

A outra gravura, formando canto, é de uma finura e suavidade que só para toalhas de chá ou «napperons» de bandeja (isto é, em traba-

as nossas leitoras, não hesitarão em os aproveitar.

Agora que já demos modelos fantasistas e de cores variadas, vamos também tratar de bainhas abertas que tão úteis são nos nossos lençóis, toalhas etc.

Mais três modelos juntamos à variedade aqui publicada e que irá avolumar o «stock» das nossas leitoras.

O modelo n.º 1 começa-se, (como sempre) é claro, por tirar os fios do tecido até se ter a largura em que se deseje executar a bainha. Depois tiram-se os fios para o pequeno «à jour» que a ladeia. Em seguida separam-se os fios em pequenos grupos que se começarão a tecer como a gravura mostra passando as «barrettes» dum para outro grupo na sua devida altura. Divide-se esta bainha em dois motivos: um que reúne apenas dois grupos de fios e outro que reúne quatro, sendo estes dois motivos alternados. No motivo de quatro grupos a parte central é tecida, como se costuma fazer aos motivos compactos das bainhas ou «filets».

Nesta bainha em vez de se fazer o ponto que separa os grupos de fios, caseia-se, formando assim a orelha da bainha.

O modelo n.º 2 é uma das bainhas de mais lindo efeito, sem ser muito difícil. Esta bainha faz-se da seguinte maneira: Tiram-se os fios suficientes para uma bainha relativamente estreita. Deixam-se depois ficar alguns fios (uns oito por exemplo) e tira-se novamente o mesmo número de fios que se tirou da primeira vez ficando assim uma bainha larga, tendo ao meio uma pequena divisão.

Depois dos fios horizontais tirados cortam-se os perpendiculares, ficando uns quadrados em aberto e separados uns dos outros por oito fios verticais, como já perpendiculamente se fez. Depois dos fios tecidos, tendo o cuidado de deixar nas «barrettes» verticais uns peque-







Chapéu em selim preto laco em seda de fantasia  
Casaco de selim preto  
Criação Lucien Lelong  
Vestido de noite em tule e selim preto. Flores rosa e preto  
Criação Max Michels  
Vestido em crepe da China branco, bordado a verde  
Criação Mignapouf



Chapéu em palha creme e tecido dourado, bordado a cores.  
Criação Marcelle Roze  
Vestido de fazenda azul e marinho, enfeitado a branco  
Criação Morliol e Armand



Vestido de passeio em crepe da China bege com pespontos em seda. Criação Rosine Doust

Calça em pano azul e blusa em crepe da China branco enfeitado a azul em três tons. Criação Mignapouf



Chapéu em seda gorgorão preto, rosa e filas em selim no mesmo tom  
Criação Hélène Corbell



Calça bege e camisola em lã de várias cores  
Criação de Mignapouf  
Vestido de noite enfeitado a perolas, pretas e cinzas, em escala.  
Criação Pansel



Pijama em selim preto e selim às riscas  
Criação Mouno Guolozza

Chapéu em feltro cinzento com um lindo motivo de fantasia.  
Criação Marcelle Roze

Vestido em crepe da China preto e barras brancas

Vestido em crepe "marocain" preto e branco enfeitado a galão "cine" Criação Amy Linker

Chapéu em feltro preto, enfeitado com um motivo de "jade" Criação Cora Marson

Vestido de noite em selim branco e preto, bordado a perolas e strass  
Criação Béchoff



OS CONCURSOS DA  
VOGA

AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTES

CONCURSO DA BELEZA  
INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que *Voga*, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assinantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assinantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSINANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscrevam como nossos assinantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 10 do próximo mês de Abril, findo o qual mais nenhuma será admitida. Um júri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 15 de Abril, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assinantes se pronunciem acerca de 4 dos retratados, votando naquelas que se lhes afigurem os mais belos. O resultado da votação será inserto no número da *Voga* que sai a 29 de Abril.

## OS PRÊMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.<sup>da</sup>, bem como todos os que se publicarem do mesmo género e os quais serão enviados à mãe do 1.º premiado até que este prefeça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.<sup>da</sup> e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA  
E ARTES DECORATIVAS

a abrir em 15 de Maio.

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em ver, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados?

Que todas, pois, concorram ao

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL  
ABERTO NA VOGA  
SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

## ÁS MÃES

Nos casos de falta ou insuficiência do leite materno, o

LEITE CONDENSADO  
E ASSUCARADO

## MOÇA

substitui-o com os mais brilhantes resultados.

Preparado com todas as garantias de asseio e pureza, inalterável, isento os perigos da alimentação a biberão com leite fresco.

Pedir amostras à

NESTLE & ANGLO-SWISS  
CONDENSED MILK CO.

RUA IVENS, 11 a 13 LISBOA

## O CÚMULO DA IGNORANCIA

Querida Eugénia:

Bom dia. Estranhas a saudação? Bom dia! Bom dia! Ainda não há uma hora que acordei. Dei-me ao capricho de me levantar cedo. Eram nove horas da manhã quando o sol muito brando e morno entrou pela minha janela, o indiscreto, e veio beijar-me os olhos, as faces, os cabelos como um namorado atrevido.

Acordei contente, alegre como ave cândida que chilreia e salta à aproximação do dia. E, ainda como um pássaro descuidoso, cantei, inconsciente, canções frívolas, pueris, lembrando os versos daqueles charlestons e black-bottoms americanos, em que se exclama, exultando:

That's my baby, now!

Ora eu não encontrei o meu bebé, como diz a canção yankee, mas dir-se-ia ter encontrado o verdadeiro motivo que me impele a escrever-te a minha carta de hoje. É um motivo encantador. Há muito tempo que andava ansiosa por te comunicar, ou melhor, há muito que desejava que me respondesses a uma pergunta atrevida, indiscreta, mas perdoável, porque a uma amiga íntima todas as perguntas se toleram. A pesar da confiança que entre nós existe, há tantos anos existe, desde os tempos da escola, hesito, agora que a minha pena desliza veloz, sobre o papel assetinado, em formular-te tão melindrosa interrogação.

Pergunto? Não ficarás zangada comigo? Se não quiseses responder-me, respeitarei o teu melindre. Mas... vá lá... Vou perguntar:

Tu nunca foste ao dentista?

Sim, Eugénia, foi exactamente isso que eu te perguntei:

Tu nunca foste ao dentista?

Provavelmente o que te assombra é a minha pergunta não encerrar nada, absolutamente nada de extraordinário. Mas nota bem, querida amiga: é nas coisas simples que, por vezes, residem os mais estranhos mistérios. Que mundo de coisas ignoradas palpita numa gota de orvalho, num grãozinho de poeira, num suspiro leve que mal agita a atmosfera calma da tarde?

Responde, querida amiga, com toda a tua franqueza: tu nunca foste ao dentista?

Adivinho a série de raciocínios que esta minha curiosidade te suscitou; nada mais desagradável do que a dor de dentes. De todas é a mais violenta, insuportável.

Não nos deixa dormir tranquilos, causa-nos tonturas, faz-nos perder a paciência, perturba-nos a razão, desespera-nos, enluneca-nos!

Quantos desgraçados teem procurado no suicídio

QUEM É O DIABO  
E ONDE FICA O INFERNO

QUANDO era pequena sempre que ouvia falar no Diabo ficava-me a scismar nesse estranho ente que só encontrava prazer no mal da humanidade. Pensava muito nele e, por vezes, estremecia de pavor ao lembrar-me de que a persistência do meu pensamento já poderia ser um começo de tentação.

Queria distrair-me, ocupando a minha atenção com assuntos mais piedosos. E apesar de ser uma crente sincera nem sempre conseguia livrar-me daquela obsessão.

Minha avó, — uma velhinha ingénua que tinha por mim adoração enorme, — no louvável intuito de me fazer trilhar o caminho firme da virtude, contava lindas histórias de santos, histórias de luminosa pureza, de vidas adoráveis de simplicidade. Mas não era raro, mesmo nessas histórias, o Diabo surgir como uma sombra negra de mau presságio.

Ou porque o meu espirito fosse fraco ou porque a minha alma oferecesse a Belzebuth campo fértil para o cultivo da maldade, o caso é que os anos não modificaram a minha maneira de pensar. O Diabo manteve-se presente no meu espirito como um soldado no seu posto.

Nun velho livro que descobri na biblioteca de meu pai a ideia imperfeita que eu tinha do Príncipe das Trevas tomou subitamente volume e forma. E, assim, quando pensava nele, principalmente se cerrava os olhos para concentrar-me melhor na visão interior, o Diabo ou era um cão horrendo, de longa cauda, focinho antipático, pêlo viscoso, que saltava numa mobilidade... diabólica; ou era uma deformada figura humana, de olhar feroz, cabeça e barba de chibo, empunhando um enorme tridente; ou ainda um enorme morcego de azas negras, cheias de nervuras como as folhas espalmadas de certas plantas, garras aduncas gotejando sangue, e o mesmo focinho de chibo e o olhar alucinado.

Estas visões horrorisavam-me, se acontecia acordar pela noite alta e em casa não se ouvia senão o ressonar alto do papá... Parecia-me que no silêncio e na escuridão da noite escutava o agitar sinistro das azas do diabólico morcego e que, nos recantos mais sombrios, dois olhos esverdeados brilhavam.

do o último e definitivo remédio para essa dor atrás que nos persegue dia e noite, insistente e maçadora, primeiro, impertinente, depois, para se tornar cruel como um carrasco, por fim. Um carrasco sem dó! Um carrasco diabólico, que nos martiriza, sorrindo, sorrindo sempre, dilacerando sempre, lentamente, sem um instante de interrupção. E se se detém subitamente a dor, dando-nos a ilusão da almejada liberdade, é para surgir dois segundos depois mais violenta, mais cruel, mais brutal.

Resiste-se a sangue-frio, durante algumas horas seguidas, ao amputar de uma perna. Há pessoas fleumáticas que fazem essas operações fumando tranqüilamente o seu cigarro e chalaçando com os cirurgiões. Resiste-se a uma raspagem aos ossos, após a qual se conta de pessoas que vão jantar com apetite. Resiste-se ainda a operações ao ventre, sentindo as mãos enluvadas dos médicos revolverem as entranhas, e seguindo de olhar enternecido, como quem contempla o repuxo de um jardim, o súbito esguichar do sangue vermelho e quente. A dor de dentes, aquela dor pavorosa, que nos persegue durante meses, como o espectro do remorso espiando o criminoso, a essa, querida Eugénia, não se resiste. Ou o paciente (que neste caso é impaciente) sucumbe de nervos esfarapados, ou procura voluntariamente no suicídio a redentora tranqüilidade.

Mas vê lá tu onde nos pode levar esta pergunta inocente:

— Tu nunca foste ao dentista?

Não equivale, porém, a minha interrogação a esta outra:

— Tu já tiveste dores de dentes?

Não. Quando te perguntei se nunca tinhas ido ao dentista era simplesmente para te dizer que fui lá ante-ontem, pela primeira vez.

Não te condões de mim, Eugénia, que não mereço o teu dó. O caso não é para lamentar, pelo contrário, deves felicitar-me. Sim deves felicitar-me, porque, presando-me de ser uma rapariga elegante, freqüentadora de boa sociedade, havia cometido o erro imperdoável de até ante-ontem nunca ter entrado no consultório chic de um dentista de fama. Eu ignorava que aquelas casas, tal como certos restaurantes, teatros e salões particulares são pontos de reunião elegante.

E eu a imaginar que ao dentista só iam as pessoas que tivessem os dentes estragados!

Perdôa a ignorância — o cúmulo da ignorância — da tua grande amiga

GRAZIELA.



longa e flexível como uma cobra, mexendo os braços cabeludos em gestos ameaçadores e levando nas suas garras em curva crianças lindas, de puras azas brancas, anjinhos certamente roubados ao poder do Padre Eterno.

A minha alma era um palco de tragédia onde se representavam as peças mais fantásticas. A medida que fui crescendo a ideia pueril e ingénua que eu tinha do Demo tentador foi-se modificando, subtilizando. Comecei a pensar que devia ser mais temível porque não aparecia às suas vítimas mas as arrastava para o mal, iludindo-as. O Demónio, pensava eu, devia ocultar-se, para melhor nos enganar, em tudo o que se nos afigurasse delicioso.

Esta ilusão estabeleceu no meu espirito uma

## O QUE NÓS PRETENDEMOS

## VOGA

Não pretendemos ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.

## CURIOSIDADES

O SAL E O MEL

O sal e o mel são dois acessórios tradicionais e prestigiosos da alimentação. Do segundo se fez o hidromel, uma das primeiras bebidas inventadas pela humanidade. Os judeus e os egípcios serviam-se dele para a manipulação do pão de luxo; os gregos e os romanos tinham-no em tal conta que o incluíam em todas as preparações culinárias.

Hoje, apesar da sua gloriosa história, de que demos um incompletíssimo resumo, está relegado à farmacopeia — tornou-se até, prosaica, tristemente, laxativo...

O sal, ainda hoje, conserva intacto, o seu grande prestígio. A sua existência assinala-se nos povos mais antigos — anteriores ao próprio Dilúvio, como se constata pelo castigo inflingido à herética e revoltada curiosidade da mulher de Loth que foi, como se sabe, transformada numa estatua de sal. Nalguns autores antigos, encontram-se descrições de cidades rodeadas de muros... de sal.

Só os gaulizes, — o que é pouco honroso para eles — parecem ignorá-lo. O costume de pôr sal nos lábios das crianças que se batizam data dos borgonheses, os quais afirmavam que os bebés que o aceitavam sem chorar, seriam mais tarde, excelentes bebedores!

Plínio, declarou, um dia, que as duas coisas mais necessárias eram primeiro o sol, depois o sal.

Hoje universalizou-se. Calcula-se que cada ser humano consuma, em média, quatro quilogramas de sal, anualmente.

\*\*\*

PORQUE SE SAUDA OS QUE ESPIRRAM?

SUPÕE-SE, vulgarmente, que o hábito de saudar os que espirram nasceu durante uma epidemia havida, em Roma, sob o pontificado de Gregório, o Grande. Essa doença contagiosa iniciava-se pelo espirro, tornando-se, então, de uso chamar sobre os que espirravam, a misericórdia divina.

Ora este hábito é anterior à época de Gregório, o Grande.

Os antigos acreditavam piamente que espirrando-se à direita de alguém, era sinal de ventura; e à esquerda, indicação segura de uma irremediável desgraça.

Aristoteles perguntava com gravidade, porque se considerava como bom preságio espirrar entre o meio dia e a meia noite e como mau agouro, espirrar entre a meia noite e o meio dia. Para este mesmo filósofo, o espirro era um sinal sagrado.

Os judeus fazem-no rememorar às origens do mundo. Afirmam eles que Adão ao ser expulso do Paraíso, pela primeira vez espirrou, provando assim que era mortal...

\*\*\*

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

Quem no seu lar possui a VOGA, o MAGAZINE BERTRAND e a ILUSTRAÇÃO, — tres grandes revistas modernas e unicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.

confusão pavorosa, porque, completamente desorientada, eu julgava ver em tudo uma hábil tentação do Diabo.

Acontecia, às vezes, invadir-me uma grande tristeza em momentos alegres.

Lembro-me de, quando foi o casamento de minha irmã, me encontrar alegre, sem uma preocupação grave, feliz com toda a minha família. E, subitamente, com grande espanto de todos, as lágrimas rebentaram-me em fio, tomada de uma grande apreensão. Não se ocultaria no meio de toda aquela felicidade uma tentação diabólica? Eis a pergunta que de repente me assaltou a memória.

Hoje ainda acredito no Demónio e no Inferno. Mas já não cometo a ingenuidade de perguntar a minha avó, cada vez mais velhinha, onde fica o Inferno e de que feito é o Diabo. Porque, afinal, concluí que todo o mal reside em nós próprios, na nossa alma. Nós é que nos tentamos, nós é que somos o Diabo e o Inferno, com cujas tentações e em cujas chamas nos debatem.

MARIA EULÁLIA.



## SUGESTÃO IMPERIOSA

— CONTO INÉDITO DE —  
HELENA DE GUSMÃO

QUANDO o comboio começou rolando, com seu impertinente ruído de ferragens através da árida planície, Bernardo fez desaparecer, furtivamente, a lágrima rebelde que lhe saltou, irreprimível, dos olhos, ao despedir-se da sua aldeia muito branca, duma scenográfica beleza, melancolisada pela chuva. A Lisboa enorme, desconhecida, alvo supremo das suas ambições, onde se ia desenrolar a sua existência, encheu-o, ao evocá-la, dum terror supersticioso. Todas as suas audácias de aldeão ambicioso se esboroavam, convertendo-se numa exagerada timidez, no antever todas as surpresas, todas as ciladas próprias da vida duma capital, onde os egoísmos se acotovelavam, e a luta pela vida chegava a ser revestida de aspectos dolorosos, quasi trágicos. Para esquecer o receio formidável de que estava possuído, afastou seus olhos da paisagem, mergulhando-os na vida interior da carruagem.

No seu compartimento, poucas pessoas. A seu lado, um homem gordo e idoso, dormia tranquilo, resistindo vitoriosamente, no seu sono profundo, a todos os estremecimentos da carruagem. À sua frente, uma mulher, muito nova, duma beleza irradiante, fitava-o com um ténue sorriso, em que ele supôs adivinhar dois sentimentos adoráveis: de piedade um, de curiosidade outro.

Fitou-a, de relance, timidamente, receando maguar aquela dama tão elegante, que revelava, mau grado sua cuidada simplicidade, através dos mil pormenores da sua indumentária, a riqueza aliada à estética.

Uma hora depois, o homem adiposo e idoso desceu numa estação. Ficaram ambos, no compartimento, isolados do mundo, viajando através dos campos desertos, sob uma chuva que tombava forte e agressiva dum céu cinzento e hostil.

Foi ela quem primeiro rompeu silêncio para lhe perguntar, num tom banal, quasi despedido de curiosidade, se elle se dirigia a Lisboa. Deu-lhe por resposta uma afirmativa, lacónica e tímida. Ela sorriu-se, com o ar amável de quem se mos-

trava disposta a folhear-lhe a alma, escutando-lhe confidências. Mas, Bernardo não ousou falar, limitando-se a sorrir imbecilmente. Ela, então, com uma risada clara, que iluminou todo o seu rosto, dando-lhe aos olhos um brilho estranho, encheu todo o compartimento com a sua voz, musicada de ironia:

— Nunca nenhuma das minhas amigas conseguiu imitar como você, a timidez quasi selvagem de minha irmã mais nova.



Bernardo, num supremo esforço, murmurou: — Se me permitisse uma observação: — Sobre minha irmã mais nova? — inquiriu zombeteira.

— Sobre V. Ex.<sup>a</sup>. Ela aquiesceu, com um gesto mudo e largo. Então, Bernardo, numa súbita audácia, declarou com profunda emoção: — V. Ex.<sup>a</sup>, mesmo através da sua discreta zombeteira, não consegue ocultar seu belo e generoso coração. E...

— E?... — ...juro-lhe que, seja qual for a minha vida futura, nunca esquecerei, até ao último dia da minha existência, a sua bondade. Viverá, em mim, perpétuamente, como uma visão que nem as mais arrebatadoras realidades farão esquecer, nem sequer, diluir.

Ela parou o riso, fitando-o com inquieta expressão. Sentiu dominá-la um mal-estar estranho. Um rubor irreprimível, afogueou-lhe o rosto. E, sem transição, bruscamente, deixou de falar, sentindo pesar-lhe, com toda a desolação nascida dum vago arrependimento, os olhares suplicantes do seu companheiro de viagem.

Próximo de Lisboa Bernardo pediu-lhe numa voz sumida:

— Se me quizesse dizer o seu nome... Ela condescendeu e, ao referir-lhe seu nome e morada, acrescentou com severidade:

— Tenha cautela, que minha família é de fácil alarme. E lembre-se de que não tem o menor direito, nem a menor vantagem, em procurar falar-me ou, simplesmente, ver-me.

Bernardo viera para a cidade com muitas ilusões, numerosas cartas de recomendação e o dinheiro suficiente para poder viver, em Lisboa, três meses, sob um regime de severa economia. As ilusões desapareceram-lhe no primeiro mês: havia em Lisboa homens mais inteligentes e mais cultos, sofrendo inclemências, lutando, com tanto exaspero como inutilidade, para alcançar na vida uma situação modesta. Como conseguiria elle, pobre provinciano, recém-chegado à capital, triunfar, atingindo a fortuna e a notoriedade?

As cartas de recomendação, a pesar de serem endereçadas a personalidades de grande relêvo na política e de sólida posição no alto comércio, não lhe asseguraram sequer uma posição modesta. As respostas eram invariavelmente compostas pelas mesmas evasivas: «se o meu amigo

me tem aparecido um mês antes...» ou então «tereí o maior prazer em colocá-lo na primeira vaga...»

Bernardo chegou a pensar em confessar-se vencido, retirando para a sua aldeia, viver ali, até ao fim dos seus dias, uma vida apagada, de tristeza monótona e de também monótona tranquilidade. Uma sugestão, surgiu, imperiosa: a sua companheira de viagem. Evocando-a, sentiu todo o seu ser vibrar de modo estranho: pensamentos alucinados atravessaram-lhe a mente, aconselhando-lhe todas as audácias.

Durante esses três meses de amargas decepções passara todos os dias, à mesma hora, na rua onde ela residia. E sempre, às terças-feiras, através dos vidros dum prédio azulejado, ela lançava-lhe um sorriso furtivo, que tanto poderia ser de motejo como de ternura, deixando depois, cair, dum gesto lento, uma cortina branca, finamente recortada.

Resolven perseguir um político a quem fôra recomendado, deputado desde as últimas sessões legislativas, pelo círculo a que pertencia a sua aldeia, pobre e linda. E, tendo sempre, como um incitamento, a imagem da sua linda e zombeteira companheira de viagem, seguiu-o para todos os lados. Durante um mês, aparecia-lhe no parlamento, no ministério, em várias empresas comerciais a que elle pertencia, e na sua própria residência. E acabou por conseguir o lugar modesto, os honorários modestos duma vaga repartição do Estado.

Um colega, ao descobrir-lhe as suas facilidades de redacção, meteu-o numa revista automobilística de publicação incerta. Foi o seu primeiro passo na carreira jornalística. Entrou, mais tarde, para um grande jornal e arrastou largos meses a existência ardua e inglória de reporter humilde.

E sempre a visão da sua antiga companheira de viagem, sempre o seu sorriso furtivo seguido da visão da lenta e branca cortina, a incitá-lo a lutar, a triunfar na vida!... Ela, sem o saber, lançou-o, um dia, para um cometimento audacíssimo: tornar-se, a princípio sem capital, substituindo-o por engenhosíssimos expedientes, o representante duma marca de automóveis. E a sorte favoreceu-o. Seis meses depois, tornava-se, na venda de automóveis, um dos agentes mais preponderantes.

Atribuiu, supersticiosamente, todas essas vitórias àquele sorriso que era, nessa Lisboa imensa, na sua existência de triunfador inesperado, seu único prazer real. Pensou em conquistá-la, propondo-lhe, com o prestígio da sua próspera situação comercial, o casamento.



Todos os dias, passava de automóvel, debaixo das suas janelas. E ela já não sorria, limitando-se a dardejar-lhe de alto, um olhar indiferente, quasi hostil. Escreveu-lhe, corrompendo com generosa distribuição de escudos, a consciência da porteira e os frágeis escrúpulos da sua criada. As cartas foram-lhe devolvidas. Em pleno Junho, como ela veraneasse no Estoril, alugou um chalet, passando a residir nessa praia. Um

dia, ousou falar-lhe, declarando-se. Ela fitou-o agressiva e ripostou:

— Estimava tanto o pobre diabo com quem viajei, como detesto o novo rico que se permite, com a insolência, ofender-me.

«A minha existência, desde aquele dia, viveu exclusivamente da sua. O funcionário público, o jornalista, o comerciante são obra sua. Eles existem, porque você existe. Se quiser, eles desaparecem, morrem, legando a uma branca aldeia alentejana o pobre campónio que lhe roubaram. De si, depende o meu viver. Deu-me a última recusa, a recusa de que eu careço para orientar minha vida, e nunca mais ouvirei falar daquele que chegou a causar-lhe, num inesquecível minuto, a menos perdurável das simpatias.»

Leu e releu a carta, com os olhos húmidos de ternura. Aquelas frases, plenas de humildade e de paixão, evocavam-lhe o seu tímido e ingénuo companheiro de viagem, por quem ela tinha uma paixão tão romântica e quimérica que a revoltara, enchendo-a duma indignação profunda contra si própria.

A noite, devorada por uma necessidade quasi angustiosa de isolar-se, desceu até a praia. Súbito, sentiu, atrás dela, o ruído duma respiração ofegante. Não ousou voltar-se. Devia ser Bernardo. Com estranheza, sentiu paralizarem-se-lhe os movimentos. Deteve-se, como que fulminada. Sobre os seus ombros sentiu a mesma respiração, mais ofegante e mais próxima. E uma voz, tão suave como uma carícia, pronunciou, de modo inefável, seu nome. Sentiu sobre a cintura, uma doce pressão. E julgou, tal foi o seu desfalecimento, que ia morrer duma morte desconhecida e voluptuosa, quando Bernardo, beijando-a, murmurou, com a voz molhada de lágrimas:

— Amo-te!

cado no cimo da copa terminando a linda guardanção.

Em geral, as tendências da moda são as mesmas que já te indiquei nas minhas precedentes cartas.

Procura-se destronar o eterno feltro, para dar a primazia ao verdadeiro chapéu de verão.

Descobriram-se mesmo lindas palhas bem flexíveis que certamente terão grande sucesso.

Na minha próxima carta enviar-te hei lindos modelos de sombrinhas que «Vedrenne»



acaba de criar para combater os raios demasiado ardentes do sol primaveril.

Até breve minha querida. Os mais afectuosos beijos da tua tia

NUELMA.



## CARTA DE PARIS

ACABO de ler uma encantadora novela. Uma celebridade parisiense fugindo da cidade vai viver para o campo e julga assim ter encontrado a felicidade na vida calma e simples. Uma frívola automobilista descebre-o na sua solidão e já-lo lamentar a gló-



ria, o nome grangeado e decide-o a voltar para Paris onde encontra de novo a vida mundana e os elogios que o inebriam.

Depois de algum tempo desta vida artificial



e sem encantos quer encontrar a paz e volta para a sua casa de campo.

No entanto, enervado pela recordação da sua personalidade tão festejada e amimada, já não encontra a felicidade na paz e volta a Paris atraído pela sua vida artificial de que elle já não pode prescindir.

Deixo que tu faças os teus juízos sobre a moral da história que é muito profunda... e que bastante me faz pensar.

Mas voltemos a falar de coisas mais terra-terra. Ontem tive um dia muito movimentado. Entre um casamento, um chá, uma visita e uma exposição não me ficou tempo algum para a mais pequena reflexão.

O casamento era dos mais elegantes, e nelle as «loillettes» encantadoras do cortejo eram bem notadas, assim como a elegância excessiva da assistência.

Já os primeiros chapéus primaveris fizeram a sua aparição. Notava-se com agrado aqui há tempos o predomínio da cor preta; pois bem voltou a estar na moda. A palha brilhante e o feltro macio predominam também.

Com elles, os «tailleurs» simples retomam o seu lugar. Dois deles parecem-me muito elegantes para cerimónia.

Um tinha a saia em cinzento-prateado com barras azul marinho. O casaco todo azul abotoava com dois grandes botões de nácar.

O outro era: A saia em pano de setim preto e o casaco o mais delicioso «smoking» que tu possas imaginar.

Com a chegada da primavera ando bastante atarefada na escolha de «loillettes» e chapéus para a nossa viagem primaveril. Escolhi um encantador chapéu, meio feltro, meio palha. É um pequeno «cloche» que sombreia bastante o rosto.

Este chapéu encanta-me. Uma tira de palha brilhante rodeia-o cortando a monotomia da qualidade dos tecidos empregados.

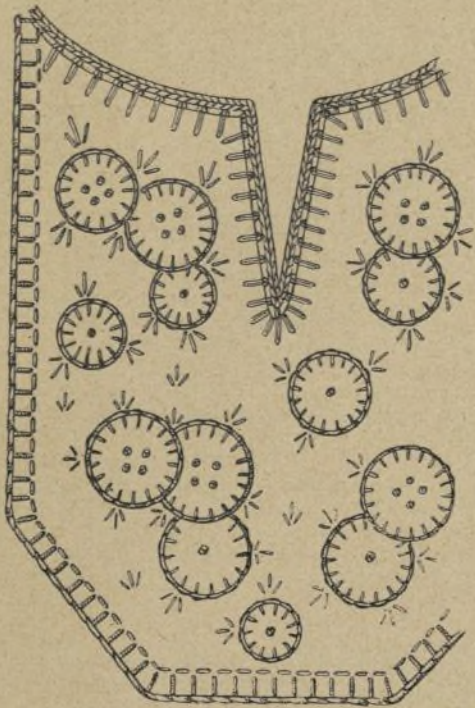
O segundo é um lindo chapéu igualmente «cloche» em palha brilhante, agradável de usar pela sua grande leveza e graciosidade. É enfeitado com um entrançado de palha em branco e preto.

Um nó de setim «ciré» preto é colo-



PARA OS BÉBÉS DAS NOSSAS LEITORAS

## DOIS VESTIDOS BORDADOS A LÃ

O PRÓXIMO FIM  
DAS MANICURAS

A CABA de ser inventado um aparelho destinado a substituir, para sempre, a manicura. Esse ser feminino, de uma graça felina, resultante mais do exercício da sua profissão do que do seu temperamento ou do seu espírito — as borboletas têm espírito? — ultra-moderno vai desaparecer, sem deixar, pela sua existência muito ligeira e curta, uma recordação perdurável.

O aparelho que vai matar a manicura, funciona duma maneira simples:

Por uma fenda apropriada, introduz-se uma moeda, apoiando-se depois a mão sobre uma manivela especial. Então, uma lima e um polidor de unhas, que se encontram a um lado do aparelho, movimentam-se.

Basta que se aproximem as unhas para que estas fiquem cortadas e polidas num abrir e cerrar de olhos. Ao mesmo tempo, um vaporizador projecta sobre as unhas um produto especial que as torna brilhantes e reluzentes como um espelho.

Dentro em pouco, estes aparelhos vão multiplicar-se pelas ruas mais concorridas e «chics» das grandes cidades.

CONTINUANDO a nossa publicação de peças de toilette bordadas a lã damos hoje dois lindos modelos para crianças. Qualquer dos nossos modelos é muito original e prático. Nas crianças o que lhes está mais próprio são os fatinhos de feitiço simples, amplos e direitos, deixando-lhes por completo os movimentos livres para brincar e correr. Nestes fatos simples e ligeiros

dão um aspecto muito agradável os «bouquets» e flores soltas, bordadas com lã de cores várias, numa bizarra fantasia que tem o seu reino principalmente nestes fatinhos.

O vestido que hoje publicamos juntamente com o desenho é feito em sarja branca, muito leve.

Os bordados são feitos em lã, da seguinte maneira: As rosas com largos alinhavos (como



## Sabonetes "La Toja"

Experimente V. Ex. este maravilhoso sabonete. O unico que evita e cura as doenças da pele.

A venda nas boas casas.

Concessionarios em Portugal:

Monteiro Guimarães, Filho, Lda. Porto

As rosas publicadas no n.º 24 no desenho para o chale) feitas em três tons de rosa, desde o rosa pálido ao «cerise». As margaridas com largo ponto de cadeia em lã lilaz e azul forte. As folhas, muito pequeninas, são feitas apenas com um ponto de cadeia largo em lã cinzenta muito clara, azul forte e vermelho. As hastes são em azul, no mesmo tom de que já se falou.

Este vestidinho, muito branco e leve, fica delicioso com o conjunto destes lindos «bouquets», feitos em cores assim tão lindas e harmoniosas.

O fatinho é igualmente um delicioso traje de criança, alegre e simples, de uma graciosidade de corte muito sugestiva.

É este fato confeccionado em fazenda «vieux rose».

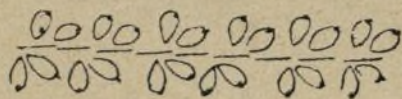
O bordado, neste fato, forma plastrão, que é contornado com um largo caseado em lã azul.

Na parte de dentro do caseado segue uma linha de alinhavos, feita em lã branca. As flores que ornamentam o plastrão são cortadas em tecido branco e peragadas ao fato pelo mesmo caseado largo, mas aqui feitas em lã vermelha umas, e lã azul outras. No centro das flores fazem-se nós, que se põem, numas quatro, noutras apenas um. Estes nós são feitos em azul, nas flores contornadas a vermelho e vice-versa.

O casaco é todo caseado em baixo, nas mangas e no decote, com lã azul.

Estes modelos são dois encantadores fatos que irão realçar bastante o encanto ingénuo das lindas e rosadas carinhas dos bebés.

LILIANA.

O maior dos sucessos  
JOÃO CHAGAS  
TRABALHOS  
FORÇADOS

EDIÇÃO DEFINITIVA

Em 3 volumes

O diário dum revoltado  
As memórias dum idealista

Cada volume 10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS  
AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA



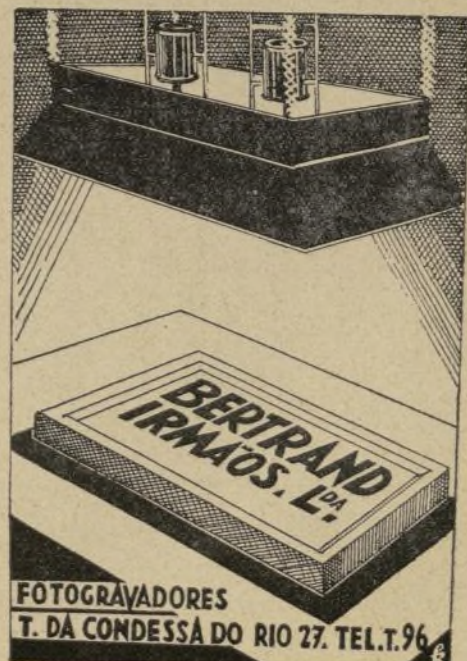
## CORONA

A máquina de escrever portátil

Em cores atraentes  
que se harmonizam  
com qualquer mobíliaVerde, vermelho, creme,  
lilaz, castanho e azulUma carta escrita numa CORONA, num papel com monograma,  
é considerada elegante e ultra moderna

AGENTES GERAIS: THE MODERN OFFICE LTD.

Tel.: Tr. 66 — 107, Rua do Alecrim, 109 — LISBOA





## BELEZA

## AS MÃOS

A mão é, na mulher, uma das coisas que mais cuidados merece, para conservar a sua brancura lactea e a sua linha esguia, tão harmoniosa e suave. A beleza da mão resume-se, quasi que exclusivamente, ao afuselado dos dedos e à palidez marmorea que caracteriza uma linda mão.

A mão esguia e branca, vendo-se à transparência da pele os longos fios azulados das veias, de unhas compridas e rosadas, é um complemento que muito favorece a beleza feminina. Por mais elegante que sejam os gestos, se a mão não reunir em si a linha maravilhosa e esbelta e uma brancura leitosa, eles perdem-se no negrume da indiferença que se liga ao que é feio e inestético. Uma mão linda, já mais passa despercebida, quer gesticulando quer repondo negligentemente sobre qualquer móvel próximo, ou mesmo no regaço. Para as pessoas cujas mãos não reúnem as suas características de beleza, publicamos nós a maneira de tentar conseguir, tanto a sua pálida brancura, como os dedos afuselados.

As massagens são um dos tratamentos que mais satisfatórios resultados têm conseguido.

Aproveitando essa fórmula, tratam-se os dedos todos os dias de manhã e de noite da seguinte maneira:

Com um pouco de vaselina pura, untam-se os dedos e dá-se depois uma massagem apertando-os e puxando-os de baixo para as pontas a fim de os afuselar e adelgaçar as pontas. Cada dedo é tratado em separado e deve-se dar esta massagem por espaço de cinco minutos em cada mão.

Para se obter um feliz resultado com este tratamento é preciso ser feito com continuidade e sempre da mesma maneira durante um mês ou mais.

Para branquear as mãos temos o seguinte creme:

Essências de amendoas.....	190 gramas
Água de rosas.....	170 »
Glicerina.....	120 »
Branco de baleia.....	45 »
Cêra.....	15 »
Essência de rosas.....	2 »

Dissolve-se o branco de baleia e a cêra em banho-maria, juntando depois a essência de amendoas; em seguida a água de rosa já misturada à glicerina e por fim a essência de rosa. Também se pode substituir a essência de rosa por outro perfume do gosto da consumidora. No verão, os cremes liquefazem-se com o calor por isso é conveniente aumentar a quantidade da cêra.

Além destas receitas a empregar há varios cuidados gerais que se deve ter, evitando assim, em grande parte, vermelhidões e deformações.

Deve-se evitar passar as mãos de água fria para água quente na mesma altura. Empregar sempre sabão bom. A água demasiado fria é prejudicial às mãos, devendo-se untar estas com qualquer gordura quando houver necessidade de as meter muitas vezes em água fria. Um dos cuidados a tomar é nunca sair sem luvas quando há muito frio. O frio demasiado torna as mãos arroxeadas e desagradáveis.

Quem deseje conservar umas mãos lindas deve, ao fazer o serviço caseiro, calçar luvas de cautchouc.

Estas luvas preservam do contacto com coisas que escureçam ou manchem as mãos.

Mesmo trabalhando-se se pode ter cuidados com as mãos pois assim mais facilidade há de que elas se conservem esguias e brancas, como lírios esmaecidos.

Não devemos esquecer que o maior encanto que d'Annunzio encontrou na grande Duse foram as mãos, as suas mãos de extraordinária beleza que o grande poeta e romancista italiano immortalizou...

Lave, ondule e  
corte o seu  
cabelo  
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA  
LISBOA  
AVENIDA, 35  
Novas instalações

## ECOS E COMENTÁRIOS

## O FEMINISMO EM MARROCOS

O feminismo triunfa... em Marrocos, segundo o assevera Si Kaddour Benghalerit. As mulheres daquele país têm direitos que as mulheres de algumas nações europeias ainda hoje não usufruem. Casam sob o regime da separação de bens, podendo dispor livremente, sem nenhuma espécie de consulta, de uma terça parte do que lhes pertence. Possuem uma grande influência sobre seus maridos, aconselhando-os acerca dos assuntos mais graves e delicados.

Ocorre agora uma perguntinha, despida de malícia:

— Foi o feminismo que se marroquinizou ou feminisou-se Marrocos?

## A FORÇA DO CORAÇÃO FEMININO...

Desta vez não vamos falar na força afectiva, emocional ou amorosa do coração da mulher.

Trata-se de analisá-lo como se ele fosse um motor a... gasolina!

Com efeito, o coração de uma mulher é o órgão mais poderoso do seu corpo.

Em condições normais, cada uma das suas contrações exerce uma pressão de cerca de 12 quilogramas por cada 10 centímetros quadrados. Esta operação repete-se sem repouso durante a sua vida inteira, quer ela esteja dormindo, quer acordada, sem a menor interrupção, cerca de setenta a oitenta vezes por minuto, impulsionando o sangue através do sistema circulatório com a velocidade de cerca de um metro por segundo.

Feita a devida proporção, a energia física ou pressão desenvolvida pelo coração de uma mulher durante uma hora, será de cerca de 4 toneladas, 320 quilogramas. Num dia, ou sejam 24 horas, essa grandeza será evidentemente de 103 toneladas e 680 quilogramas; num ano bissexto a cifra atingida é, simplesmente, 37.946 toneladas 880 quilogramas... se se calcular a vida normal de uma mulher em sessenta anos, de 365 dias cada, verificaremos que o seu coração palpita durante a sua existência, sem um único minuto de descanso, cerca de 151.372.800.000 vezes desenvolvendo, portanto,

uma energia premente de 1 trilhão 816 biliões, 423 milhões e 600 mil quilogramas, força mais do que suficiente para alterar os movimentos, rotação e translação do globo terrestre em volta do sol!

\*\*\*

## A VITÓRIA DA RAINHA SURRAYA

A rainha Surraya do Afghanistan, que ultimamente esteve em Paris, foi a primeira soberana mussulmana que participou de uma visita régia à Europa, causando esse facto grande surpresa aos que conhecem a inferioridade social da mulher nesses países.

Aquela soberana era filha de um jornalista, tendo o seu casamento, provocado grande escândalo. Sendo esposa mussulmana, ela conseguiu ser, — milagre dos milagres! — esposa única, levando assim seu marido, o rei Amanullah a tornar-se, por exemplo, um propagandista da monogamia.

Feministas que procurais a igualdade social, vociferando discursos em comícios e escrevendo monótonos artigos de jornal, aqui tendes na rainha Surraya um belo exemplo de como se pode conseguir grandes vitórias que ambicionais! Esta mulher que ascendeu a um trono, que feriu de morte a mais arraigada das tradições, tão aviltante, para o seu sexo, constitue uma bela e eloquente lição em tudo digna de ser imitada.

\*\*\*

## O SONO VAI ACABAR?

ESTUDA-SE, agora, muito a sério, e com as maiores probabilidades de triunfo, a maneira de suprimir o sono.

Segundo o afirma um dos maiores químicos europeus, descobriu-se já uma pastilha, um comprimido fácil de dosear, que lança a pessoa que a tomar num estado de letargia, apenas durante alguns instantes.

A letargia será tão completa, tão absoluta que equivalerá ao repouso do sono natural. Esta descoberta virá revolucionar, profundamente as relações sociais, sendo provável até que dê origem a uma nova espécie de saudosistas — os saudosistas do sono, os quais protestarão contra esta inovação química, com significativos bocejos.

Uma pergunta angustiosa vai, de certo, brotar de todos os lábios:

— Que se irá fazer com um dia de vinte e três horas e cinquenta minutos?

LER SEMPRE A

VOGA

LER SEMPRE

a rainha das publicações  
femininas portuguesas

e organizadora, do  
grande e esplendoroso

SALÃO DA  
ELEGANCIA  
FEMININA

que será também um  
inédito certame de

ARTES DECORATIVAS

e, ainda, um raro e  
elegante espectáculo de

BELEZA, DISTINÇÃO  
E BOM GOSTO.

PASTA DENTÍFRICA  
MARIA LUÍSA  
SUPERIOR Á MELHOR  
Branqueia os dentes e perfuma a boca

## Cintas de borracha do Doutor Charnaux

«ELANCIA»

Brevetée S. G. D. G.



Marca da  
elegância



MARAVILHOSO MODELO DE CINTA EM BORRACHA PURA QUE PELA MASSAGEM CONSTANTE QUE IMPRIME AOS TECIDOS, FAZ UMA REDUÇÃO NOTÁVEL DAS FORMAS, ASSEGUANDO UMA LINHA PERFEITA, CHIC E MODERNA.

A CINTA DO DR. CHARNAUX «ELANCIA» É UMA RENDA DE «CAOUTCHOUC» QUE PERMITE AOS PÓROS DA PELE RESPIRAREM: ELA É SCIENTIFICAMENTE PERFURADA DE MANEIRA A ESTABELECER E AMPARAR TODOS OS ÓRGÃOS.

MUITO «SOUPLE», A PESSOA QUE USA ESTA CINTA NÃO SENTE QUE ELA TRABALHA CONTINUAMENTE SOBRE O CORPO SEM INCOMODAR E SEM FAZER CALOR.

UNICA NO SEU GENERO, POIS É, AO CONTRARIO DE TODAS AS CINTAS DE BORRACHA, A PRIMEIRA QUE UTILIZA O «CAOUTCHOUC» PERFURADO, INDISPENSÁVEL A BOA HIGIENE.

MAGNIFICA PARA TODOS OS «SPORTS», MESMO OS MAIS AGITADOS, CONSERVANDO A LEVEZA DA PESSOA E DANDO-LHE UMA VIDA SEM RECEIO DE ENVELHECER.

O NOME DO GRANDE MEDICO FRANCÊS DR. CHARNAUX, APOSTO EM CADA MODELO, É A MAIS SOBERANA DEMONSTRAÇÃO DE QUE ESTAS CINTAS SE IMPÕEM E PODEM SER USADAS SEM PERIGO PARA A SAUDE.

SÓ A POMPADOUR TEM O PRIVILEGIO DE VENDA EM PORTUGAL E COLONIAS DAS CINTAS DO DR. CHARNAUX, POR CONTRATOS FIRMADOS COM O SEU AUTOR.

CASAS DE VENDA EXCLUSIVA:

LISBOA

NOSSA SÉDE

A POMPADOUR

Casa de Espartilhos

28, CHIADO, 30

PORTO

NOSSA SUCURSAL

ARMAZENS DA CAPELA

Casa especial de Espartilhos

70, R. CARMELITAS, 76



# "A NOIVA DO MUNDO"

(MARY PICKFORD)

INSTALADO nas trevas de um cinema, o espectador entusiasta mira e remira scenas e artistas. Entretanto, brilham na t la os expoentes da scena muda apreciados pelo público, que por sua vez, mal sabe por quanto tempo durará o brilho de seus nomes.

Verdadeiramente, tudo isso depende, em absoluto, d es próprios. O público está pronto a favorecer com o seu encorajamento enquanto o artista sabe continuar com a sua arte de se fazer interessante e interessado. Mas quando os seus recursos para tal fim se esgotam, o público desinteressa-se, e outro nome há-de surgir para ocupar a preferência.

A plat a não   inconstante; mas o artista pode ser. O público pega no seu bom dinheiro para se divertir, e no momento que o artista falha ao seu propósito, também o público lhe nega o apoio.   tarefa principal para o artista, o saber ser tão popular amanhã como o é hoje, porque do contrário, adeus fav r do público!

A popularidade contínua,   possível, para um artista. Muito ainda terá o tempo que passar, até que se diminua a lembrança de António Pedro, Brazão, Virginia, Joaquim de Almeida, Augusto Rosa e tantos outros. Sua fama há-de ecoar incessantemente. Oxalá tivesse sido possível ao cinema e ao fonografo conservar tôda a glória de tais artistas, para a posteridade!

No cinema, os artistas teem a felicidade de poder conservar permanentemente uma prova dos seus méritos apreciados. Quanto a ser essa prova, de facto, permanente, só o tempo o dirá. Com a presença de tal facilidade actual, chega-se a pensar se a fama e glória dos artistas do cinema perduram o tanto

quanto as daqueles nomes, todos de uma época em que não existia ainda a maravilha de tanto progresso mecânico.

E todavia, o mundo inteiro, actualmente, não pode laborar em equívoco quando aclama os seus predilectos artistas da t la. Não há-de o mundo errar quando aclama Ramon Navarro, na sua obra prima *Ben Hur*, ou John Gilbert na sua esplêndida *Grande Parada*. Seria o maior dos equívocos, e a popularidade d es teria a duração apenas do presente momento.

O g nio de Chaplin, os méritos de Mary Pickford, as soberbas qualidades de Fairbanks, etc., são valôres que hão-de perdurar — ou então, estaremos numa idade de



estupidez colectiva. Dentro de dez anos, cinquenta anos, um século, se  esses trabalhos forem ressuscitados, como trabalhos de mérito bastante para perdurar através do tempo — aí então terá o cinema provado o seu inestimável mérito de agora produzir uma arte que irá ser o encanto dos filhos dos filhos dos nossos filhos.

 esses ainda hão-de sentir a mesma emoção que nós experimentamos ante o g nio inimitável de Chaplin, o universal Charlot, e a mesma sensação de perdurável encanto ante a eterna mocidade daquela a quem chamam "A noiva do mundo", a linda e su ve Mary Pickford, cuja beleza delicada enche hoje de luz esta página da *Voga*.

